

## POR QUE ENSINAR UMA GEOGRAFIA CRÍTICA?

*Alexandre Luís Ponce Martins*

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, bolsista Capes  
[poncemartins@hotmail.com](mailto:poncemartins@hotmail.com)

**RESUMO:** Este breve recorte tem como objetivo estabelecer uma nota crítica da geografia, enquanto disciplina do ambiente escolar, a partir da relação ensino e aprendizagem. Neste sentido, salienta-se que, ao longo do século XX, ela esteve alicerçada a uma exposição teórica voltada, majoritariamente, a memorização dos conteúdos. Desta forma, relevou-se os pressupostos físicos e naturais, em detrimento das dinâmicas sociais, que eram apresentadas de maneira descritiva, sem aprofundamentos relacionais e críticos. Procura-se, portanto, considerar formas de ensino que privilegiem as realidades as quais os alunos poderão desenvolver seu senso crítico e se aproximar de um entendimento do todo. Para tal, apresentou-se, ainda que brevemente, sugestões de didáticas com a aplicação da cartografia para um melhor desenvolvimento crítico dos discentes. Metodologicamente, utilizou-se como alicerce materiais bibliográficos que abordam a temática do ensino e da cartografia sob a ótica da geografia.

**Palavras chave:** Cartografia; ensino; didática.

## WHY TO TEACH A CRITICAL GEOGRAPHY?

**ABSTRACT:** This small manual aims at a critical critique of geography, the discipline of school teaching, from the teaching and learning discussion. This aim, which extends to the longitudinal of the XXth century, was based on a theoretical exposition focused, mostly, on a memorization of contents. In this way, physical and natural reliefs, to the detriment of social dynamics, were done in a descriptive way, without related and critical depths. In this way, we seek ways of teaching that privilege the possibilities of access to the whole. For this, it was presented, although briefly, the suggestions of didactics with a mapping application for a better critical development of the students. Methodologically, it was used as a bibliographical material that approached the theme of teaching and cartography from a geography perspective.

**Keywords:** Cartography; teaching; didactic.

## 1 INTRODUÇÃO

O mundo atual é marcado por uma intensa rede de relações econômicas, sociais e culturais, incentivada e expandida pelos avanços tecnológicos nas áreas do transporte e informação; este conjunto estabelece o fenômeno denominado globalização (HARVEY, 1998). Neste contexto dinâmico da realidade contemporânea, a Geografia se apresenta como uma ciência pertinente, uma vez que o conhecimento quanto ao espaço terrestre fica mais complexo, e com o passar do tempo histórico e as transformações consequentes no âmbito espacial, tal disciplina se apresenta como a mais próxima de uma análise deste todo.

Uma das finalidades da Geografia é formar indivíduos que tenham a capacidade de construir raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço que habitam e naturalmente no decorrer de suas vidas (re)constroem, tanto individualmente, quanto como membro de um grupo em determinada sociedade. Outras ciências humanas, as quais se citam a história, a filosofia, a economia e a sociologia; são também bases, formadoras de opinião, significativas para nortear os alunos ao desenvolvimento do próprio senso crítico e, conseqüentemente, trazer à luz a dialética presente em diversos discursos e interesses que os rodeiam.

É importante que, a partir da realidade local em associação ao âmbito global, a assimilação do conhecimento quanto ao meio físico natural coexista em conjunto com a dinâmica das relações socioespaciais. Desta maneira, estabelecem por meio da história, as características populacionais, a formação cultural, as influências socioeconômicas e políticas, de forma que, na construção de um todo, geografia física e humana se tornam pressupostos, que unidos, sedimentam o entendimento da realidade do tempo presente.

Neste sentido, o presente texto procura estabelecer uma crítica à geografia escolar desenvolvida na maior parte do século XX, que abordava os conteúdos de modo isolado, sem intersecções entre os fenômenos naturais e sociais, bem como a baixa interação com a realidade ao qual cada discente estava inserido. Em um segundo momento, apresentou-se atividades didáticas a partir da cartografia com o objetivo de se aproximar de uma abordagem mais interativa, com o intuito de criar uma aproximação do entendimento do todo e da realidade de cada aluno.

Metodologicamente, utilizou-se como base uma revisão bibliográfica que tange a temática já descrita, isto é, apresentou-se o que seria as abordagens didáticas da geografia do século XX, baseada em descrições de fenômenos com apresentação, muitas vezes, somente expositiva e autores críticos quanto a tal método. As sugestões com atividades cartográficas menos tradicionais são baseadas também em fontes bibliográficas secundárias, aos quais seus autores, da mesma forma, criticam os métodos tradicionais de ensino, principalmente no âmbito da geografia.

## **2 A GEOGRAFIA ESCOLAR NO SÉCULO XX**

Como já enfatizado, a Geografia do século XX estabeleceu um processo didático que se caracterizava a partir de um método expositivo que, por vezes, exigia do discente uma maior capacidade de memorização, tal afirmação é destacada por Brabant (1989). O autor cita o conceito de enciclopedismo, o termo se refere a uma forma de aprendizagem restrita praticamente à memorização de informações, assim ele escreve que “o enciclopedismo contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico, ao mesmo tempo que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a geografia entre as matérias a se memorizar”. Para o autor, a geografia entra em uma crise dentro de sua própria finalidade, ao qual perde espaço para o que ele define como disciplinas mais modernas, sendo estas, conforme Brabant (1989), a sociologia e a economia, pois ao seu olhar eram aquelas que alcançavam as contradições sociais e suas consequências.

Desta forma, a função da geografia era entendida, por muitos professores e até autores do período, como a descrição dos fenômenos físicos e sociais, sem qualquer necessidade de um aprofundamento crítico. Neste contexto, diversas vezes, tornou-se comum a utilização de técnicas monótonas de memorização como método de ensino da disciplina. (BRABANT, 1989).

Salienta-se que muitos autores já tinham uma análise crítica de tal situação e procuravam escrever sob novas formas de atuação da Geografia, principalmente a partir dos anos de 1960 e 1970, principalmente a partir de Milton Santos que, a partir do estabelecimento da geografia crítica, entendia a disciplina como preponderante para a emancipação do indivíduo para

“cidadão”, uma espécie de sujeito dotado de entendimento da realidade social com conhecimento de seus direitos e deveres. (SANTOS, 2007).

Reforça-se que a geografia física é significativa para o desenvolvimento da disciplina, tal afirmação é um fato e não deve ser uma dimensão da realidade ignorada dentro da ciência, o peso da descrição e das análises quantitativas é primordial enquanto ferramenta e fonte analítica, contudo quando estabelecidas em um contexto sem a intersecção necessária de uma interpretação crítica, pode mascarar a real essência das transformações que ocorrem na realidades geográficas e sociais. Portanto, a necessidade de um ensino crítico é primordial para o desenvolvimento de um aluno cidadão.

Neste contexto, como então ensinar a geografia? Como relacionar a dicotomia humano-física que esta ciência abrange? Como estas relações podem incentivar a emancipação do sujeito como cidadão? Por um lado as discussões críticas em uma sala de aula podem trazer, talvez, desinteresse por parte de alguns alunos, de maneira que o ensino pragmático e descritivo somente, pode se precipitar em uma forma de enciclopedismo, constituindo alunos, chamados popularmente de “decorebas”, sem uma concepção futura de cidadão. A próxima parte procura exemplificar uma maneira de interseccionar as dicotomias geográficas, a realidade do aluno a partir da cartografia.

### **3 GEOGRAFIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A CONTRIBUIÇÃO DA CARTOGRAFIA NOS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES**

Partindo de um ponto de vista crítico, Oliveira (1989) acredita que a Geografia deve ser o um produto e processo de transformação da sociedade. Entende-se que a disciplina é um meio para se trazer à luz aquilo que é contraditório para o funcionamento social, este se revela palco do desenvolvimento desigual e combinado que estabelece, em espaços próximos locais com luxo demasiado e pobreza extrema.

A abordagem dialética materialista de Oliveira (1989) deve ser trazida à luz pois, a visão de mundo do professor, muitas vezes, não condiz com a realidade do aluno, e essa realidade pode criar conflitos em determinados temas. Segundo Santos (1994), “o mundo que nós conhecemos

não é o mundo verdadeiro. Ele não existe. Ele é o mundo que nos fazem acreditar existir”. Assim, o ensino deve ser crítico, o indivíduo em sala de aula deve ser incentivado a enxergar além dos simulacros que o permeiam, ou seja, ao se expor de forma concreta o que ocorre em sua realidade, ao se demonstrar os interesses que estão ocultos no âmbito socioeconômico e materializados espacialmente, o estudante vai desenvolver uma interpretação adequada quanto à sua condição de classe e o próprio papel na relação do meio ao qual vive.

Para se realizar uma abordagem crítica devem ser levadas em consideração, como já exposto, as contradições que ditam o espaço geográfico, pois se não, o ensino cai em uma tendência funcionalista. Com o avanço do processo de globalização, influenciado pelo progresso das tecnologias da informação, a comunicação se tornou o meio de controle de orientação das massas, controle este determinado pelas classes dominantes, geralmente donas dos meios de comunicação, esta colocação é apresentada por Castrogiovanni (1988, p. 83), o autor coloca que a “A mídia eletrônica e a imprensa, mais do que nunca delineiam a conduta do cidadão. Geram o esquecimento de que exercer cidadania é estar no gozo dos direitos civis e políticos estabelecidos no âmbito do Estado e é desempenhar os deveres para com este.” Manter-se com um método de ensino tradicional é reproduzir indivíduos distantes de seu papel de cidadão, como outros aparelhos sociais sedimentam, o papel da escola é estabelecer uma relação crítica do aluno com a sociedade.

Um aprendizado libertador permite ao cidadão diferir essas informações, cheias de ideologias hegemônicas, de forma a se orientar com criticidade, assim criando barreiras às manipulações midiáticas e, também, dos aparelhos ideológicos do Estado, de modo a não explicar ideias que não condizem com sua verdadeira realidade de classe. (ALTHUSSER, 1974 e FREIRE, 1996).

Além dos problemas socialmente estabelecidos, professores e alunos encontram em sua própria relação uma questão que, muitas vezes, não é discutida no âmbito acadêmico a partir da práxis, ou seja, a relação de ambos com a disciplina. O professor deve transmitir o conhecimento e o aluno tem que demonstrar interesse no que está sendo apresentado e discutido, contudo o aparente não interesse que é colocado por vezes como barreira para uma aprendizagem de qualidade é resultado de processos externos à sala de aula, ao serem ignorados, perde-se o pressuposto crítico que o ensino deve conter. O modo como se aplica os conhecimentos de

alguma disciplina são determinantes para o interesse e conseqüente sucesso no aprendizado, de forma que a interação maior ou menor do aluno e seu interesse em qualquer aula, de qualquer disciplina, é resultado da didática do professor e sua capacidade de colocar a realidade do aluno no contexto do conteúdo, e cada um destes tem suas particularidades.

Desta forma, sugere-se a cartografia como uma das atividades para se desenvolver a orientação de alunos do nível do ensino fundamental. Ressalta-se que é sabido que existem diversas outras formas de criar tal relação entre sala de aula e realidade, porém o espaço desta nota é curto, e a cartografia é uma técnica passível de se utilizar em qualquer grau de aprendizagem ou instrução. Assim, é de suma importância a orientação espacial, em qualquer faixa etária ou nível de escolaridade, a ferramenta cartográfica é um começo para se delinear a expansão do indivíduo nos primeiros anos escolares. Os mapas são indispensáveis para o cotidiano dos estudantes, segundo Castrogiovanni (2003 p. 31):

Os mapas não podem ser vistos apenas como a forma mais prática de comunicação e representação de orientação e compreensão política social. Podem, inclusive, servir para dominar. Devem ser práticos e informativos - claros e precisos -, fascinantes e surpreendentes dentro da proposta a que forem construídos.

Os trabalhos escolares referentes à cartografia devem condizer com a idade dos alunos. Não se sugere mapas muito elaborados, de difícil compreensão ou com mais informações do que necessita a proposta. Dentro das noções dos indivíduos presentes no início do ensino fundamental, dar-se-á maior ênfase à questão da orientação, fazendo exercícios de descrição, de paisagens, da cidade ou mesmo o caminho de sua casa. Ao final do ensino fundamental e dentro do ensino médio, a abordagem deve ser mais interpretativa, principalmente no que tange estes fatores: título, escala, legenda, observação, descrição e decodificação do mapa.

A posteriori, desenvolver o senso crítico; por que os zoneamentos possuem determinadas características? No que os fatores presentes no mapa influenciam suas vidas em âmbito local? Por que os índices de mortalidade, saneamento, criminalidade, acidentes, entre outros, são maiores em determinado bairro? São questões que alunos nessa faixa etária devem saber discorrer, e em muitos casos associar com ações de sua realidade. A introdução da cartografia nas escolas deve

ser de maneira consciente para que não seja uma temática entediante, havendo assim maior atenção dos alunos e melhor aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de expor algumas ideias quanto a um modo de transmitir a geografia crítica a partir da cartografia, ou de relacionar melhor os alunos com o conteúdo transmitido pelo professor a partir de um entendimento do todo e da realidade de cada discente, fica mais próximo de um porquê de ensinar a geografia de um modo crítica. Esta sendo uma disciplina significativa na construção de indivíduos como cidadãos, este último na concepção de Milton Santos, ao qual estabelece um sujeito que reconhece seu papel na sociedade dotado de direitos e deveres. Deste modo, a partir do momento de emancipação, os conteúdos geográficos em sala de aula, sejam eles de natureza física ou/e social, sob a ótica da cartografia expandem a possibilidade da absorção do conhecimento, a realidade de cada aluno relacionada na sala de aula estabelece a práxis no ensino e desenvolve indivíduos mais livres, detentores de opinião e, conseqüentemente capazes de perceber a dialética que envolve as relações do mundo globalizado.

Por fim, salienta-se que a escola necessita de novas formas de ensino, principalmente na geografia, os professores detêm o poder de formar gerações com capacidade de mudar suas realidades. Assim, o modo de ensinar uma disciplina, onde se insere também o fator interdisciplinar, agregando as questões de tempo-espaco, economia, política, globalização, meio ambiente, sustentabilidade, entre outros fatores, sempre tangenciando cada realidade, estabelece o caminho para a formação de cidadãos e uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1974.
- BRABANT, Jean Michel, Crise da geografia, crise da escola. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3ª edição. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização? In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**.

4ª edição. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARVEY, David. O problema da globalização. In: **Revista Novos Rumos** nr. 28 (13) 1998; p. 8-16. Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/issue/view/164>> Acesso em: 29.08.2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino et al. **Para Onde Vai O Ensino de Geografia**. 8ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1989.

SANTOS, Milton. Técnica espaço tempo: **globalização e meio técnico – científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

**Enviado 09/03/2019**

**Aceito 16/06/2019**